



MÍDIA E CULTURA

Tempo, mídia e processos sociopolíticos no Brasil do século XXI: perspectivas sociossemióticas¹

Time, media and socio-political processes in XXI century Brazil: socio-semiotic perspectives

Tempo, media e procesos sociopolíticos en el Brasil del siglo XXI: perspectivas sociossemióticas

Paolo Demuru²

orcid.org/0000-0003-1559-9530
paolodemuru@gmail.com

Recebido em: 7/12/2020.

Aprovado em: 8/12/2020.

Publicado em: 7/01/2021.

Resumo: A partir de uma releitura dos conceitos de *accidente* de Eric Landowski e de *explosão* de Jurij M. Lotman, este artigo analisa as correlações entre o tempo mediático e o tempo sociopolítico do processo que levou das jornadas de junho de 2013 ao *impeachment* de Dilma Rousseff. As hipóteses defendidas são: a) junho de 2013 constitui um evento acidental/explosivo que projeta o Brasil em um presente atemporal amorfo e imprevisível, o qual se estende, ao menos, até o impedimento da ex-presidente; b) tal regime temporal define-se por um elevado grau de indeterminação semântica e por um elevado grau de carga estética, isto é, de tensões e forças sensíveis que se alastram no corpo social; e c) as mídias sociais cumprem, nesse percurso, um papel catalítico: são elas que engendram a indeterminação e a carga estética que dão corpo ao novo regime temporal. Almeja-se, assim, contribuir à construção de quadros teóricos capazes de dar conta da natureza semiótica do tempo no campo da comunicação.

Palavras-chave: Temporalidade. Processos sociopolíticos. Sociossemiótica.

Abstract: The aim of this paper is to tackle the links between the mediatic and socio-political time of the process that led from the 2013 protests to the impeachment of the former Brazilian president Dilma Rousseff. In order to do that, a review of Landowski's concept of accident and Lotman's notion of explosion is done. Our hypotheses are: (i) June of 2013 is an accidental/explosive event that projects Brazil into an amorphous and unpredictable atemporal present, which extends, at least, to the former president's impeachment; (ii) this temporal regime is defined by a high degree of semantic indetermination and by a high degree of aesthetic load, that is, of sensitive tensions and forces that spread quickly in the social body; (iii) social media displays, in this process, a catalytic role, generating both the indetermination and the aesthetic load that feature the new temporal regime. It is hoped, therefore, to contribute to the construction of theoretical frameworks capable of accounting for the semiotic nature of time in the field of communication studies.

Keywords: Temporality. Socio-political processes. Sociossemiotics.

Resumen: A partir de una relectura de los conceptos de accidente de Eric Landowski e de explosión de Jurij M. Lotman, este artículo analiza las correlaciones entre el tiempo mediático y el tiempo sociopolítico del proceso que llevó de las jornadas de junio de 2013 al *impeachment* de Dilma Rousseff. Las hipótesis defendidas son: (i) junio de 2013 constituye un evento accidental/explosivo que catapulta a Brasil en un presente atemporal amorfo e imprevisible, el cual se extiende, al menos, hasta el impedimento de la ex presidenta; (ii) tal régimen temporal se define por un alto grado de indeterminación semántica y por un elevado grado de carga estética, es decir, de tensiones y fuerzas sensibles que se extienden en el cuerpo social; (iii) los medios sociales cumplen, en este recorrido, un papel catalítico: son ellas las que engendran la indeterminación y la carga estética que dan cuerpo al nuevo régimen temporal. Se pretende, así, contribuir a la construcción de cuadros teóricos capaces de dar cuenta de la naturaleza semiótica del tiempo en el campo de la comunicación.

Palabras-clave: Temporalidad. Procesos sociopolíticos. Sociossemiótica.



Artigo está licenciado sob forma de uma licença
[Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

¹ O presente artigo foi publicado originalmente no n. 2, (2019), seção de *Mídia e Cultura*, sob o Id # 32229, intitulado *Tempo, mídia e processos sociopolíticos no Brasil do século XXI: Perspectivas sociossemióticas*.

² Universidade Paulista (Unip), São Paulo, SP, Brasil.

"Talvez a emoção do tempo seja precisamente o que é o tempo para nós".

(Carlo Rovelli)

Introdução

Como apontam estudiosos de diversa extração disciplinar, a trajetória que levou, em agosto de 2016, ao *impeachment* da ex-presidente do Brasil Dilma Rousseff, tem seu ponto de partida naquelas que são hoje conhecidas como as "Jornadas de Junho de 2013" (NOBRE, 2013; BUCCI, 2016; SINGER, 2018).

Convocados via Twitter e Facebook nos primeiros dias do mês pelo Movimento Passe Livre, os protestos possuíam, inicialmente, um objetivo preciso: revogar o aumento da tarifa do transporte público aprovado pelos governos estaduais e municipais em São Paulo, Rio de Janeiro e outras capitais. Contudo, após a primeira semana, o leque das reivindicações torna-se mais amplo e nebuloso: *não é pelos vintes centavos, o gigante acordou, muda Brasil, mais saúde* etc. Nas palavras de André Singer, "os protestos adquiriram tal dimensão que parecia estar ocorrendo *algo* nas entranhas da sociedade, *algo* que poderia sair do controle. O problema é que não ficou claro *que algo* era esse" (SINGER, 2018, p. 102).

Se, por um lado, essa virada semântica proporciona uma dilatação do campo discursivo das manifestações, pelo outro favorece uma deslocação de seu campo de mira. Não mais restritos à esfera das prefeituras e dos estados, os protestos dirigem-se, agora, para o país como um todo (SOUZA, 2016, p. 87; SINGER, [2018]). Além dos *slogans* acima citados, o signo mais nítido de tal reviravolta é a irrupção de bandeiras verde-amarelas nas ruas, nas redes e na mídia impressa e televisiva. Como procurei mostrar em outras ocasiões (DEMURU, 2019), essas últimas contribuem a alimentar tanto o nevoeiro de significados quanto a projeção federal das jornadas, traçando o perfil de um Brasil abalado, cujo futuro estaria cada vez mais incerto (SCHWARZ, 2013).

Após o dia 13 de junho de 2013, a então presidente Dilma Rousseff começa a se tornar o alvo

da indignação surgidas nas ruas e nas redes. Em 15 de junho, em ocasião da abertura a Copa das Confederações, ela é vaiada pelo público do estádio Mané Garrincha, em Brasília (ALENCAS-TRO, 2013). No entanto, é nos anos seguintes, e precisamente após a sua reeleição em 2014, que Dilma e seu governo são apontados como os principais responsáveis da suposta crise social e política da nação. Com as manifestações de 2015 convocadas pelo Movimento Brasil Livre (MBL), a hipótese do *impeachment* de Rousseff começa a ganhar corpo, culminando, em 31 de agosto de 2016, na deposição da presidente. No entanto, os valores que deveriam definir o novo Brasil permanecem, assim como em 2013, ambíguos.

Ora, se há um consenso, tanto no campo da comunicação quanto no campo das ciências sociais, em definir as jornadas de junho de 2013 como um *abalo*, uma *quebra*, uma *ruptura* que marca o começo do fim da era Lula (NOBRE, 2013; SOUZA, 2016; BUCCI, 2016; SINGER, 2018; PRADO, 2018), poucos são os trabalhos que discutem as dimensões temporais de tal processo, bem como o papel da mídia em configurar e reconfigurar o seu devir (PRADO, 2018; FAUSTO NETO, 2016). O que define a temporalidade desse movimento sociopolítico? Quais seriam seus traços distintivos? Existem, nele, tempos distintos? E, no caso, como eles se entrelaçam? Ainda: como a mídia contribui ou não contribuiu a moldá-lo e direcioná-lo? Quais são as diferenças entre o tempo das novas (a internet e as redes sociais) e das velhas mídias (televisão, rádio, mídia impressa)? Como eles se sobrepõem e se articulam? E qual é o efeito de sentido desta articulação?

O meu objetivo é procurar preencher esta lacuna. Para tanto, partirei de uma releitura cruzada dos conceitos de *acidente* de Eric Landowski (2014) e *explosão* de Jurij Michajlovič Lotman (1995; 2009), tecendo, quando oportuno, paralelos com outras abordagens do tempo elaboradas no campo das ciências sociais (HARTOG, 2015) e da comunicação (CASTELLS, 2005; MALINI, 2016; FAUSTO NETO, 2016; BARBOSA, 2017; PRADO, 2018). Parece-me, pois, que os dois conceitos se complementam reciprocamente.

Tanto o acidente landowskiano quanto a explosão lotmaniana designam uma quebra na evolução gradual da história que abre para uma fase imprevisível, marcada por um alto grau de indeterminação semântica. Todavia, eles apresentam nuances que os distinguem um do outro. Para Landowski a indeterminação é *negativa*: o acidente é um acontecimento marcado pelo *não sentido* (LANDOWSKI, 2014, p. 71-80). Ao contrário, para Lotman a indeterminação é *positiva*: a explosão gera sempre um *superávit semântico, sentido em excesso* (LOTMAN, 1995, 2009). Ainda: enquanto a explosão prevê a possibilidade de pensar a ruptura do *continuum* histórico-sócio-cultural enquanto um acontecimento durativo, o acidente landowskiano, na releitura que proponho, aponta para a problemática da intensidade estésica do acontecimento, isto é, de sua dimensão sensível. Como defendo, trata-se de níveis de conceptualização teórico-metodológica que merecem uma abordagem conjunta.

Com base nesses pressupostos, as hipóteses que defendo são:

a) as jornadas de junho de 2013 constituem, no quadro da recente história política brasileira, um acontecimento acidental/explosivo disruptivo; um acontecimento, ou seja, que faz colapsar o sistema de crenças e valores do lulismo – “o ressurgimento, no horizonte, de um país com algum futuro” (NOBRE, [2013]), de um país “menos desigual” e “mais desenvolvido” (SCHWARZ, 2013; SINGER, 2018; SOUZA, 2016; BUCCI, 2016) – dando vida a um momento histórico imprevisível, o qual se estende até o *impeachment* de Dilma Rousseff e, pode-se presumir, às eleições presidenciais de 2018, embora não haja espaço para abordar, aqui, essa segunda fase do processo;

b) o regime temporal ao qual dá origem essa explosão distingue-se pela valorização paroxística da imediatez e pela alternância serializada de acontecimentos pontuais em relação entre si – um regime que, parafraseando Hartog (2015, p. XV), chamarei aqui de “hiperpresentismo fractal”;

c) os traços distintivos que definem esse regime temporal são: a) um elevado grau de indeterminação semântica; e b) um elevado grau de “carga estésica”, entendida como o borbulhar de tensões e forças sensíveis que emergem das interações sociais em um dado momento histórico e um dado contexto sociocultural (DEMURU, 2019). Mais do que isso: são exatamente a vagueza e a carga estésica que produzem o hiperpresentismo fractal, que fazem com que ele aconteça e se delinee enquanto tal;

d) as mídias digitais e, em particular, Twitter e Facebook cumprem, no percurso que vai das jornadas de junho de 2013 ao *impeachment* de Rousseff, um papel *catalítico*: são elas que engendram a indeterminação e a carga estésica que dão corpo à explosão e ao regime hiperpresentista que a caracteriza;

e) o discurso da mídia impressa e televisiva dilata a temporalidade das redes, estendendo a explosão ao longo dos meses e dos anos sucessivos a junho de 2013 e contribuindo a confinar a sociedade e a política brasileira em um presente atemporal imprevisível.

Almeja-se, dessa forma, contribuir não apenas à compreensão dos processos sociopolíticos e midiáticos em ato, no Brasil, na segunda década do século XXI, como também à construção de quadros teóricos capazes de dar conta da natureza sociossemiótico-discursiva do tempo no campo dos estudos comunicacionais.

Premissas teórico-metodológicas

As releituras teóricas das noções de acidente e explosão e as hipóteses elencadas na *Introdução* do artigo serão desenvolvidas a partir da análise de um conjunto de textos diversos – verbais, imagéticos, audiovisuais etc. – extraídos tanto do universo da velha mídia (telejornais, capas de jornais e revistas, programas radiofônicos), quanto daquele das redes sociais digitais (Twitter e Facebook em particular). Além disso, contemplam-se eventos políticos propriamente ditos, entre os quais as manifestações de rua e as sessões

de votação no Congresso Nacional, como a do *Impeachment* de ex-presidente na Câmara dos Deputados. Precisa-se que tal escolha reflete uma atitude epistemológica e teórico-metodológica própria da sociosemiótica e da semiótica da cultura contemporâneas (SEDDA, 2012; LANDOWSKI, 2017). Como tive oportunidade de discutir mais a fundo em outras ocasiões (DEMURU, 2018a), quem pretende abordar os processos sociais e o político-midiáticos de um ponto de vista semiótico deve-se engajar na construção de *corpora* diversificados, procurando estabelecer séries de relações (FOUCAULT, 1969; SEDDA, 2012) entre textos e discursos variados e aparentemente distantes uns dos outros (a capa de um jornal, um *tweet*, uma série de *tweets*, um protesto de rua, uma estratégia global de comunicação política, o discurso sobre um modelo de país). Trata-se de um passo fundamental para desvendar as engrenagens que regem o devir dos processos comunicacionais e midiáticos na era da sociedade e da política em rede (CASTELLS, 2005; DAL LAGO, 2017), inclusive seus devires temporais.

Para tanto, a análise será conduzida a partir do arcabouço conceitual do Percurso Gerativo de Sentido de Greimas (GREIMAS; COURTÉS, 2008), do modelo dos Regimes de Sentido e Interação de Landowski (2014) e das postulações de Lotman sobre a semiosfera e a explosão (LOTMAN, 1985, 1995, 2009), em diálogo com as pesquisas atuais sobre a temporalidade midiática (CASTELLS, 2005; HARTOG, 2015; BARBOSA, 2017; FAUSTO NETO, 2016; PRADO, 2018) e as interações entre o campo midiático e o campo político desenvolvidas na área de comunicação (RODRIGUES, 1999; MIGUEL, 2002; FAUSTO NETO, 2008, 2012; 2016; BRAGA, 2012). Tanto Greimas, quanto Landowski e Lotman nos fornecem, nesse sentido, instrumentos heurísticos para buscarmos e descrevermos os elos – ou melhor, nos termos de Greimas, as "isotopias" (GREIMAS, COURTÉS, 2008, p. 275) – entre as diversas semiosferas da sociedade brasileira, em particular, aquelas entre a semiosfera midiática e política.

Seguindo as diretrizes traçadas por Lotman (1985; 2009) e Landowski (2014, 2018), entendo,

aqui, as semiosferas midiáticas e política como campos semiótico-discursivos regidos por linguagens e práticas interacionais diversas e específicas, bem como por tensões e relações de força a partir das quais se constroem, definem e redefinem as identidades dos sujeitos sociais – tensões e relações que, de um ponto de vista semiótico, são sempre tensões e relações de sentido. Da primeira fazem parte as mídias tradicionais (a televisão, a mídia impressa, o rádio) e as novas mídias digitais (as redes sociais e a internet de modo geral), cujas lógicas, como veremos na análise, embora diferentes, tendem a se sobrepor. A segunda é composta por textos, discursos e atos tanto da política institucionalmente reconhecida (presidentes, ministros, líderes, partidos, organizações etc.), quanto daquela mais fluida dos movimentos e das manifestações populares (termo que, vale lembrar, é necessário entender e utilizar com a devida dose de ceticismo crítico-científico).

Tal concepção guarda semelhanças com os conceitos de campo social, político e midiático desenvolvidos no âmbito das ciências sociais e da comunicação. Pense-se, a este propósito, nas propostas de Rodrigues (1999, p. 18) que entende o campo social e midiático não num sentido espacial, mas "energético, à maneira da física, que fala de campo de forças para designar a tensão gerada pelo confronto entre polos de sentido oposto". Ou, ainda, nas releituras do conceito de campo de Bourdieu proposta por Miguel (2002) a fim de refletir sobre as tensões internas e externas aos campos político e midiático, bem como nos estudos mais recentes sobre as lógicas da midiatização e da circulação de Braga (2012) e Fausto Neto (2008, 2012, 2016).

No entanto, como tais estudos sugerem – e como faz questão de evidenciar a perspectiva semiótica, seja aquela greimasiana e pós-greimasiana, seja aquela lotmaniana –, mais do que a suposta autonomia (RODRIGUES, 1999) de cada semiosfera ou campo, o que importa são as relações que elas entretêm entre si. Como Lotman não se cansava de lembrar, "nenhum sistema de signos possui um mecanismo que lhe permita funcionar isoladamente" (LOTMAN,

2006, p. 131, tradução nossa).³ É a partir destas relações que se definem as lógicas específicas de cada semiosfera – no nosso caso, as semiosferas política e midiática – e as identidades dos sujeitos sociais que as atravessam e as disputam. E é a partir da ação conjunta das tensões entre as semiosferas midiática e política que se produz, como veremos, a temporalidade hiperpresentista que caracteriza a nossa contemporaneidade.

Antes de entrar no vivo da análise, vejamos, porém, como se definem e podem ser interdefinidos os conceitos de acidente e explosão propostos, respectivamente, por Landowski e Lotman.

O acidente: relendo Landowski

Desenvolvendo a gramática narrativa de Greimas (GREIMAS; COURTÉS, 2008, p. 328), Landowski elabora em *As interações arriscadas* um modelo que visa dar conta dos regimes de sentido e interação que norteiam a existência humana (LANDOWSKI, 2014). Quatro são os regimes identificados por Landowski: a *programação*, fundada na lógica da regularidade e da rotina; a *manipulação*, baseada em uma intencionalidade de tipo estratégico, cujo fim é a adesão, por parte do sujeito manipulado, a valores e programas previamente estabelecidos por um dado destinador; o *ajustamento*, no qual não existem esquemas de ações prefixados, sendo que os interagentes ajustam-se uns aos outros a partir de uma competência de tipo estésico, ou seja, sensível; e, por fim o *acidente*, regido pela lógica do *alea*. É o regime da insensatez, no qual o acaso irrompe em sua forma mais pura, como no caso de tsunamis, raios, terremotos ou mesmo de imprevistos felizes, de golpes de sortes inesperados (LANDOWSKI, 2014, p. 71).

Entretanto, o que me interessa debater não é a lógica geral do modelo landowskiano, mas sim as dimensões aspectuais-temporais (GREIMAS; COURTÉS, 2008, p. 39-40) próprias do regime

do acidente.

A este propósito, três são as linhas de raciocínio que é relevante e oportuno desenvolver.

Antes de mais nada, pode-se assumir, com base na teoria dos aspectos desenvolvida por Greimas (GREIMAS; COURTÉS, 2008, p. 39-40), que o acidente seja um acontecimento pontual ao mesmo tempo *terminativo* e *incoativo*, isto é, um evento que marca tanto o fim do velho (aspecto terminativo) quanto o começo do novo (aspecto incoativo). Essa leitura justifica-se por uma razão precisa, que tange à denominação dos papéis narrativos que o semiótico francês atribui ao acidente. Diferentemente da programação, cujo papel é assimilável ao papel temático da gramática narrativa greimasiana (GREIMAS; COURTÉS, 2008, p. 496), o acidente cumpre, afirma Landowski, dois papéis: um "papel catastrófico" (de algo que rompe com a cadeia sedimentada dos eventos) e um "papel catalítico" (de algo que engendra um novo ciclo, cujas trajetórias são, no momento no qual se manifesta, ainda imprevisíveis) (LANDOWSKI, 2014, p. 79).

Em segundo lugar, parece-me profícuo estabelecer uma correlação entre a valorização aspectual (pontual/terminativa e pontual/incoativa) do acidente e a problemática da estesia por ele desenvolvida no âmbito da reflexão sobre o regime do ajustamento. É o que havia feito Greimas em *Da Imperfeição* (2002) ao abordar a problemática do acidente estético, entendido como uma fratura da rotina cotidiana de matriz eminentemente sensível.⁴ Seguindo tais as indicações, proponho pensar o acidente sociosemiótico como um acontecimento suscetível de engendrar uma cadeia de reações sensíveis nos contextos nos quais se verifica. Isso é evidente no caso de acidentes políticos. Por exemplo, todas as primaveras que marcaram a segunda década do século XXI, tanto aquelas do mundo árabe (Tunísia, Egito, Turquia), quanto aquelas

³ Do original: Nessun sistema semiotico possiede un meccanismo che gli consenta di funzionare isolatamente.

⁴ Preciso que, em *As Interações Arriscadas*, Landowski, diferentemente de Greimas, trata separadamente o sensível e o aleatório, fazendo do primeiro o princípio regulador do regime do ajustamento e do segundo o princípio regulador do regime do acidente (LANDOWSKI, 2014, p. 73). No entanto, quando se analisam os acidentes que marcam o devir dos processos sociopolítico contemporâneos essa distinção faz-se mais opaca e torna-se indispensável considerar seus investimentos estésico-passionais. De resto, é o próprio Landowski que nos convida a seguir essa diretriz ao admitir, nas conclusões de *As Interações Arriscadas*, a necessidade de abordar conjuntamente regimes de sentido e interação e regimes passionais, refletindo, entre outras coisas, sobre as "paixões do acaso" (LANDOWSKI, 2014, p. 106).

do mundo ocidental (o movimento dos indignados na Espanha, as revoltas de Zuccotti Park nos Estados Unidos e, inclusive, as jornadas de junho de 2013 no Brasil) foram caracterizados, como aponta Butler (2015), por um contato entre corpos que dá lugar a um novo interregno espaço-temporal. É o que Landowski tem chamado de "alastramento", uma propagação de sentido que não corresponde "nem a uma empatia de ordem cognitiva, nem a um contágio viral, mas a uma expansão por contiguidade de elementos que se tocam entre si, à maneira de um incêndio em uma floresta" (LANDOWSKI, 2018, p. 15, tradução nossa),⁵ típicas, conforme sugere o autor, dos movimentos populistas contemporâneos. Em outros termos: a força do acidente, bem como a sua duração, é diretamente proporcional à "carga estética" (DEMURU, 2019) que o engendra e que ele se torna capaz de mobilizar. Como veremos mais adiante, as redes sociais cumprem, neste processo, um papel fundamental.

Por fim, há de se ressaltar a correlação entre *acidente e indeterminação semântica*. Vimos antes que Landowski atribui ao acidente um papel catastrófico, entendendo-o como causa do colapso do sistema de crenças e valores em jogo em um determinado horizonte narrativo. Ora, o regime de sentido ao qual dá origem este choque é, nas palavras do autor, o "sem sentido", a "insensatez" (LANDOWSKI, 2014, p. 71-80). Infere-se, portanto, que o acidente dá lugar a uma indeterminação semântica de caráter *negativo*.

A explosão: relendo Lotman

O conceito de explosão, postulado por Lotman no fim de sua trajetória intelectual (LOTMAN, 1995, 2009), entretém relações estritas com o acidente landowskiano.

De difícil demarcação, o termo *explosão* possui

ao menos, na teoria lotmaniana, duas possíveis acepções. Por um lado, indica os momentos históricos nos quais alguma coisa "interrompe a cadeia das causas e dos efeitos e projeta, na superfície, um espeço de eventos igualmente prováveis, dos quais é impossível dizer, em princípio, qual se realizará" (LOTMAN, 1995, p. 35, tradução nossa).⁶ Por outro lado, designa um processo de explosão de metáforas, analogias e significados imprevistos, que emergem e se configuram como o resultado da tradução do que antes se julgava intraduzível. Ou seja, nas palavras do próprio Lotman, a explosão gera uma série de "combinações semânticas inesperadas, impossíveis ou proibidas em uma fase precedente" (LOTMAN, 1995, p. 93, tradução nossa).⁷

No primeiro caso, lida-se com a imprevisibilidade de ações, fatos ou eventos. No segundo caso, a explosão é considerada como uma *explosão de sentido*, isto é, como a emergência de uma série de conexões semânticas entre valores, temas, figuras, símbolos distantes ou até potencialmente contraditórios. Nas palavras do autor, "o estado da explosão é caracterizado por um momento de equalização de todas as oposições. Aquilo que é diferente parece ser o mesmo. Isso possibilita saltos inesperados rumo a estruturas organizacionais completamente diferentes e imprevisíveis" (LOTMAN, 2009, p. 158, tradução nossa).⁸

Como o acidente, a explosão possui, portanto, uma *dúplice característica aspectual*. Por um lado, ela define um *acontecimento terminativo*, que decreta a ruptura de um sistema sedimentado de relações; pelo outro ela configura-se como um *acontecimento incoativo*, que abre para novas possíveis reconfigurações. Além disso, assim como o acidente, "o momento da explosão coloca-se na interseção entre passado e futuro, em uma dimensão quase atemporal" (LOTMAN, 1995, p. 35, tradução nossa).⁹ Uma dimensão atemporal

⁵ Do original: Ni empathie d'ordre cognitif ni contagion virale mais expansion par contiguité des éléments touchés, à la manière d'un incendie de forêt.

⁶ Do original: Il momento dell'esplosione interrompe la catena delle cause e degli effetti e proietta in superficie uno spazio di eventi parimenti probabili di cui è impossibile per principio dire quale si realizzerà.

⁷ Do original: Da questo punto di vista, il nuovo nell'arte può essere caratterizzato come la possibilità di combinazioni strutturali semantiche inattese, impossibili o proibite in una fase precedente.

⁸ Do original: The state of explosion is characterized by the moment of equalisation of all oppositions. That which is different appears to be the same. This renders possible unexpected leaps into completely different, unpredictable organisational structures.

⁹ Do original: Il momento dell'esplosione si colloca nell'intersezione di passato e futuro, in una dimensione quasi atemporale.

que se delinea enquanto tal justamente pelo fato de ser marcada por um elevado grau de indeterminação semântica

No entanto, ao cotejar acidente e explosão é preciso ressaltar ao menos três possíveis diferenças:

a) enquanto para Landowski a indeterminação é predominantemente negativa, para Lotman é positiva: o acento é posto, nesse caso, no superávit de sentido ao qual a explosão dá lugar, cujas trajetórias podem se espalhar nos cantos mais recônditos do espaço cultural, convergindo e divergindo de diferentes maneiras (LOTMAN, 2009, p. 172);

b) se Landowski não se exprime explicitamente em relação à duração do acidente, para Lotman não há coincidência entre processos graduais e longa duração, de um lado, e processos explosivos e de curta duração do outro. Como ele mesmo adverte, "a ideia de atemporalidade não está vinculada à real cronologia do processo, que na realidade pode durar por muito tempo" (LOTMAN, 1995, p. 35, tradução nossa)¹⁰

c) contrariamente a Landowski, que vislumbra sua necessidade, é ausente, em Lotman a problemática da estesia e dos impactos sensíveis e passionais da explosão, cuja problematização é, a meu ver, imprescindível para entendermos as dimensões temporais dos processos sociopolíticos e midiáticos contemporâneos.

Dito isso, vejamos agora como as categorias de Landowski e Lotman nos oferecem a possibilidade de repensarmos a dinâmica dos processos políticos e mediáticos no Brasil contemporâneo, bem como as relações e o papel das novas e das velhas mídias na construção e na organização da temporalidade social.

De junho de 2013 ao impeachment de Dilma Rousseff: uma leitura sociosemiótica

Como antecipei na Introdução, os protestos de 2013 são marcados, tanto nas ruas quanto nas redes, por uma reviravolta semântica repentina¹¹. As primeiras manifestações (3, 6, 11 de junho de 2013) são protagonizadas por palavras de ordem e *hashtags* claras e focadas: "*três reais é roubo*", "*por uma vida sem catracas*", "*se a tarifa não baixar a cidade vai parar*". No entanto, em 13 de junho, após a repressão, em São Paulo, do quarto grande ato contra a tarifa por parte da polícia militar (SINGER, 2018), o cenário muda: os *slogans* precisos de antes cedem lugar a motes com significados abertos e confusos. Como mostra a plotagem realizada por Fabio Malini, verifica-se, naquele dia, nas redes sociais, a explosão de "uma multiplicidade de *hashtags*: #passelivre #contraoamento #vempraru #changebrazil #tarifazero #indignação #occupySP #protestoSP #13jSP. Diferentes movimentos dentro do movimento" (MALINI, [2013]). A esses, somam-se outros lemas: "não é pelos vinte centavos", "verás que um filho teu não foge à luta", "o gigante acordou", "*change Brazil*", de cunho implicitamente ou explicitamente nacionalista.

Em seu estudo, Malini reconstrói a rede de *retweets* que protagonizou a tarde do dia 13 de junho, identificando quais perfis e postagens alcançaram maior centralidade, isto é, quais conseguiram estabelecer o maior número de nós. Como argumenta o autor, um dos dados mais instigantes que emergem da análise é:

a emergência de perfis que não possuem grande popularidade na internet (chamados nós pobres), mas com capacidade de afirmar algo que se espalha na rede [...]. @LeoRossatto é um caso desse tipo, ao publicar "A tarifa virou a menor das questões agora. Os próximos protestos precisam ser, antes de tudo, pela liberdade de protestar", viu sua mensagem ganhar ares de slogan [...]. O mesmo caso ocorreu com @choracuica, que publicou (sendo retuitada 190 vezes): "não é mais sobre a tarifa. Foda-se

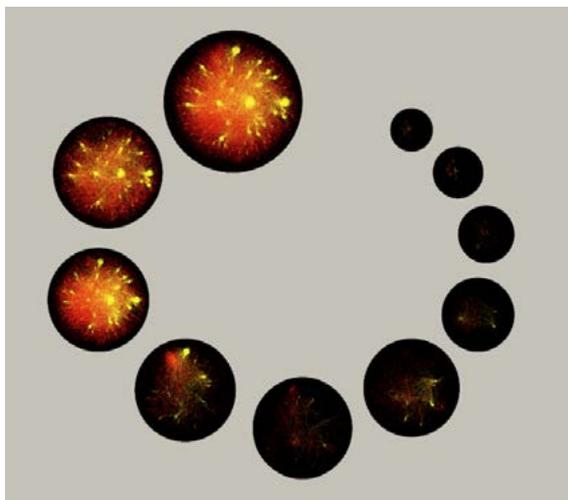
¹⁰ Do original: L'idea di temporalità non è legata alla reale cronologia del processo, che nella realtà può durare anche molto a lungo.

¹¹ Em textos anteriores analisei, a partir de um *corpus* mais extenso, a dinâmica das interações sociosemióticas que regeu o processo político-midiático que levou das jornadas de junho de 2013 ao *impeachment* de Dilma Rousseff. Limite-me aqui a uma reconstrução mais resumida, orientada para os escopos específicos do presente artigo, que servirá como ponto de partida para testar, na próxima seção, as hipóteses sobre as relações entre temporalidade sociopolítica e midiática elencadas na Introdução.

a tarifa. Isso ficou muito maior que a questão da tarifa". E também com a mensagem de @gaiapassarelli: "há algo grande acontecendo e é menos sobre aumento de tarifa e mais sobre tomar posição. Todo mundo deveria prestar atenção". E ainda com @tavasconcellos: "RT @tavasconcellos: não é mais uma discussão sobre tarifa. Transporte. Baderna. Sobre nada disso. É sobre o direito de se manifestar por qualquer causa". Essas quatro mensagens, somadas, são as que mais obtiveram republicação no Twitter (quase 1 mil republicações) (MALINI, [2013]).

Em outro artigo, Malini traça a "explosão" – é este o termo utilizado pelo autor (MALINI, 2016, p. 11) – da *hashtag* #vemprarua entre a tarde do dia 15 e a noite do dia 17 de junho, quando acontecem os atos mais participado de todas as jornadas (BBC, 2013). Agitada inicialmente por perfis ativistas e, em seguida, por celebridades e humoristas, a *hashtag* espalha-se pela rede, conforme resume o gráfico abaixo elaborado pelo próprio Malini (2013).

Figura 2 – A explosão de *Retweets* com a *hashtag* #vemprarua entre a tarde do dia 15 jun. 2013 e a noite de 17 jun. 2013



Fonte: Fabio Malini (2013).

Malini está interessado em discutir os elos entre as diferentes temporalidades através das quais se difundiu a *hashtag* #vemprarua e o engajamento, em cada etapa, de atores diversos, bem como as relações de poder e os conflitos que se estabelecem entre eles (MALINI, 2016, p. 11-13). No entanto, o aspecto que eu gostaria

de ressaltar é outro: a explosão da *hashtag* #vemprarua e dos outros *slogans* que circulam naqueles dias define-se, em todas as suas fases e independentemente dos atores envolvidos, por um traço distintivo: a indeterminação semântica. Em suma: a explosão é uma explosão de vagueza.

Das ruas e das redes, a isotopia (GREIMAS; COURTÉS, 2008, p. 275) da vagueza migra para a esfera da grande mídia. A cobertura dos protestos de jornais, rádio e televisão engrossa a nebulosa de conteúdo que os envolve, reforçando a ideia de que os manifestantes desceram às ruas não contra algo preciso – o aumento da tarifa – mas "contra tudo": "Milhares vão às ruas contra tudo", é a manchete de capa da *Folha de S. Paulo*, publicada no 18 de junho de 2013, no dia seguinte, enquanto o do caderno "Cotidiano" é, simplesmente, "Contra". Na mesma linha, na manhã do dia 17, ao vivo na CBN, o comentarista Arnaldo Jabor, que havia definido os manifestantes de vândalos e baderneiros, admite ter se enganado. Os jovens que ocupam as ruas não são um "bando de irresponsáveis movidos por um anarquismo inútil [mas] uma formação política original, justamente pelo fato de *não ter um rumo, um objetivo certo a priori*" (JABOR, [2013]).

Dois narrativas começam a ganhar corpo: a primeira é aquela de um país em crise, onde nada funciona; a segunda é a narrativa de um Brasil unido na indignação. Conforme conta essa última, quem manifesta naqueles dias não é apenas uma fatia restrita e minoritária da população (o MPL, os jovens contrários ao aumento da tarifa etc.), mas a totalidade do povo brasileiro interagindo ao uníssono em um *aqui e agora* ao mesmo tempo físico e mediático.

No dia 18 de junho o jornal *O Globo* dá a seguinte manchete: "O Brasil nas ruas". Em 19 de junho, na partida inaugural da Copa das Confederações, Brasil-México, em Fortaleza, o estádio inteiro se levanta para cantar o hino nacional à capela. Ao vivo, a câmera da Globo enquadra torcedores que seguram cartazes com as seguintes palavras: "Esse protesto não é contra a seleção, mas sim contra a corrupção! #ogiganteacordou". Em 20 de junho de 2013, a Rede Globo interrompe as novelas *Flor do Caribe* e *Sangue Bom* para dei-

xa espaço às imagens dos protestos. O *Jornal Nacional* do mesmo dia vai ao ar sem edição, já que, como afirmou o editor William Bonner na abertura, "não faz sentido exibir uma edição do *Jornal Nacional*, já que os fatos estão sucedendo ao sabor do momento..." (GLOBO..., 2013).¹² Na edição do dia 24 de junho, o *Estado de S. Paulo* dá destaque, na capa, a uma imagem dos tons verde-amarelos, em que os manifestantes, em primeiro plano, erguem a bandeira nacional. Em 26 de junho, a *Revista Veja* vai às bancas com uma "edição histórica" sobre as manifestações. A foto de capa retrata uma jovem mulher de costas, cingida pela bandeira, com, ao fundo, uma barricada em chamas. Logo abaixo, o título: "Os sete dias que mudaram o Brasil". No mesmo dia, o cantor e compositor Gabriel Moura lança em sua página de YouTube o vídeo de *Chega (não é pelos vinte centavos)* (G1, 2013),¹³ cujos versos deixam ainda mais claro que o protagonista dos protestos é o povo brasileiro, cansado, por assim dizer, de tudo o que está aí: "Chega de impunidade. Chega de desigualdade. Chega. Todo mundo está enxergando. Não é pelos vinte centavos que estamos lutando" (MOURA, 2013).

Dois são, portanto, os traços que distinguem – seja na semiosfera midiática, seja naquela das manifestações políticas – o discurso *da e sobre* as jornadas de junho de 2013: um elevado grau de indeterminação semântica e um elevado grau de carga estética, de alastramento de forças sensíveis, conforme a acepção que Landowski (2018, p. 15) confere ao termo. Surgidas nas redes sociais e migradas, quase simultaneamente para as ruas, ambas se espalham, em seguida, na esfera das velhas mídias, ocupando telas de televisores, páginas de revista e jornais impressos e digitais, frequências radiofônicas.

Aos poucos, o discurso midiático-político deixa de canalizar tanto a vagueza quanto a estesia em um todo indistinto para direcioná-la contra alguém específico: a ex-presidente Dilma Rou-

sseff e seu governo, Luís Inácio Lula da Silva e o Partido dos Trabalhadores.

Durante as jornadas de junho de 2013 percebem-se os primeiros sinais de tal redirecionamento. Assim como na ocasião da abertura da Copa das Confederações, em que a ex-presidente é vaiada pelos espectadores do estádio Mané Garrincha de Brasília (ALENCASTRO, [2013]), um ano mais tarde, em junho de 2014, após mais um hino nacional cantado à capela, grupos de torcedores voltam a dirigir xingamentos à então presidente do país (DILMA..., [2014]).¹⁴

Em 15 de março de 2015, o MBL e o Movimento Vem Pra Rua, surgidos no final de 2014 em apoio à Operação Lava Jato, convocam uma manifestação contra o governo Dilma. Milhares de pessoas vestidas de verde amarelo e com camisas da seleção brasileira descem às ruas em diversas cidades do Brasil, pedindo o *impeachment* da presidente.

No dia seguinte, o jornal *O Globo* titula: "O Brasil vai às ruas contra Dilma e Lula e a favor de Moro". Mais uma vez, ganha corpo a narrativa de que o protagonista dos protestos seja o Brasil, cujo antissujeito narrativo, no sentido proposto por Greimas (GREIMAS; COURTÉS, 2008, p. 489), é encarnado pelas figuras de Dilma e Lula. Ou melhor, constrói-se a imagem de uma disputa entre *brasileiros* (o "povo" verde-amarelo *pró-impeachment*) e *não brasileiros* (Dilma, Lula e seus aliados): "Aliados de Dilma fazem manifestação em todos os estados", é a capa de *O Globo* do dia 19 de março de 2015, dia seguinte aos atos a favor da permanência, em seu cargo, da chefe do governo.

Tal redirecionamento não se dá apenas no plano da semântica, como também naquele da sintaxe dos regimes de interação (LANDOWSKI, 2014). Ao passo que o antissujeito vem sendo reconhecido e apontado sob o perfil da linguagem verbal e da linguagem visual, é acionado um desvio: a carga estética das jornadas de junho de 2013 é canalizada contra Dilma. É um processo que, nos termos de Landowski (2009), pode ser

¹² Disponível em: <https://televisao.uol.com.br/noticias/redacao/2013/06/20/globo-interrompe-transmissao-de-novelas-e-jn-nao-te-ra-edicao-para-acompanhar-protestos.htm>. Acesso em: 20 jun. 2013.

¹³ Disponível em: <https://g1.globo.com/busca/?q=2013>. Acesso em: 24 fev. 2018.

¹⁴ Disponível em: <http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2014/06/dilma-e-hostilizada-durante-abertura-da-copa-do-mundo-em-sao-paulo.html>. Acesso em: 24 fev. 2018.

definido como uma "manipulação por contágio", ou seja, uma estratégia que visa persuadir o outro insistindo em uma comunicação marcadamente sensível. Exemplo disso são os painéis que, a partir das manifestações de março de 2015 tornam-se cada vez mais frequentes, sendo impulsionados pela mídia tradicional, em particular pelo Jornal Nacional, o qual constrói uma série de debreagens e embreagens enunciativas (GREIMAS; COURTÉS, 2008, p. 111-159) através dos quais a cidade projeta-se na TV e a TV projeta-se na cidade. Uma correlação íntima e profunda entre as semiosferas da mídia, da política e da sociedade brasileira como um todo – ou, em outros termos, entre campo midiático, político e social (RODRIGUES, 1999; MIGUEL, 2002; FAUSTO NETO, 2012; 2016) – que resulta em um novo acordo estético nacional. Não se trata apenas de um espelhamento recíproco, mas de uma vivência coletiva em ato (LANDOWSKI, 2014; FECHINE, 2008), da experiência de um sentir compartilhado.

No entanto, enquanto a identidade diferencial do Brasil vem sendo aos poucos especificada, sua definição positiva continua obscura. Pense-se, a este propósito, na campanha lançada pela *Revista Veja*, em 14 de abril de 2016¹⁵, às vésperas do pleito na Câmara. Uma série de cartazes é divulgada nas bancas e no *site* da revista. Sob um fundo amarelo, alternam-se as seguintes sentenças: "Veja só vê um lado: o lado do Brasil"; "Veja persegue. Persegue a verdade"; "Quero um Brasil melhor, Já"; "Chega de corrupção"; "Veja é comprometida. Comprometida com a democracia". A própria votação na Câmara dos Deputados é outro exemplo emblemático da repercussão da não especificação dos traços distintivos e dos programas narrativos do Brasil Anti-Dilma. Nenhum dos 367 deputados que votaram SIM mencionou a real acusação contra a presidente. Envolvida em bandeiras do Brasil, entoando versos do hino-nacional, a maioria votou em nome de causas diversas e abstratas, que não tinham relação direta com as razões do processo: em nome de Deus, do povo, da família brasileira.

Processos sociopolíticos e midiáticos: temporalidades cruzadas

Junho de 2013: um acontecimento disruptivo

Em diversos trechos de *O lulismo em crise*, André Singer (2018) descreve as Jornadas de Junho de 2013 como um momento de ruptura e/ou de inflexão na trajetória do lulismo. Vários são os termos e as metáforas utilizadas pelo sociólogo. No entanto, todas remetem à ideia de um abalo. Como afirma na Introdução "junho representou [...] um *corte* no período de cinco anos e meio que Dilma governou o Brasil (SINGER, 2018, p. 29), após o qual abriu-se "uma avenida para o antilulismo" (SINGER, 2018, p. 31). Na primeira página do terceiro capítulo, intitulado "A encruzilhada de junho", os protestos são definidos como:

Acontecimentos inesperados [que] dividem o período de Dilma em dois. Até lá, a presidente gozava de aprovação nas pesquisas, e o lulismo estava vitaminado pelo sucesso nas eleições de 2012. Depois das manifestações, a presidente cai de 57% de bom e ótimo para 30% (SINGER, 2018, p. 99).

Três páginas depois, junho é descrito como um "tremor" (SINGER, 2018, p. 102). Na conclusão, repete-se a dose: "junho somou insatisfações diferentes e funcionou como o apito de pressão sobre o lulismo" (SINGER, 2018, p. 291), após o qual a ex-presidente foi sendo arrastada por um vendaval de forças que culminou no seu *impeachment* e o lulismo "despedaçado" (SINGER, 2018, p. 297).

Na mesma diretriz, outros autores descrevem as jornadas como "um choque de democracia" (NOBRE, 2013) ou como uma "pancada que atingiu o cerne do discurso do governo federal, que balançou na hora, de forma apalermada, sem saber como reagir" (BUCCI, 2016, p. 16). A partir daí, houve uma guinada de opinião em relação ao estado de saúde de país. Como afirma Schwarz (2013, p. 3):

Em duas semanas o Brasil que diziam que havia dado certo — que derrubou a inflação, incluiu os excluídos, está acabando com a pobreza extrema e é um exemplo internacional — foi substituído por outro país, em que o transporte popular, a educação e a saúde públicas são um desastre [...].

¹⁵ Disponível em: veja.abril.com.br. Acesso em: 27 mar. 2018.

Levando às extremas consequências tais raciocínios, e com base na releitura dos conceitos de *acidente* (LANDOWSKI, 2014) e *explosão* (LOTMAN, 1995, 2009) antes desenvolvida, proponho considerar as jornadas de junho de 2013 como um acontecimento disruptivo que catapulta a sociedade e a política brasileira em uma fase histórica imprevisível, a qual se estende até o *impeachment* de Dilma Rousseff e, pode-se supor, até às eleições presidenciais de 2018, embora, como disse, a análise desta segunda fase ultrapasse as fronteiras deste artigo.

Estudos recentes oriundos da área de comunicação seguem esta mesma hipótese. É o caso de Prado (2018), o qual, a partir de Badiou e Zilberberg, aborda o caráter acontecimental das jornadas, mostrando seu impacto na esfera política e midiática nacional.

No entanto, tais afirmações não são suficientes. Ao mesmo tempo, é importante mostrar *como* tal processo acidental/explosivo se articula. É esta, pois, a maior contribuição que a perspectiva sociosemiótica pode oferecer tanto ao campo das ciências sociais, quanto àquele dos estudos comunicacionais.

No lapso entre implosão e explosão: a vagueza e a carga estética

Antes de tudo, é preciso destacar que as jornadas de junho de 2013 engendram dois movimentos que se entrelaçam reciprocamente entre si em um único *continuum* espaço-temporal: um *movimento implosivo* e um *movimento explosivo* (SEDDA, 2012; SEDDA; DEMURU, 2018). O primeiro diz respeito ao colapso do velho, isto é, ao fragmentar-se do sistema de valores e crenças da era Lula: a ideia, como vimos, de um país emergente, de um sistema político e econômico aparentemente estável etc. (NOBRE, 2013; SINGER, 2018; SCHWARZ, 2013). O segundo tange à insurgência do novo, cujas formas e cujas trajetórias semânticas permanecem indeterminadas, tanto no que diz respeito à sua *definição negativa* ("contra tudo", para lembrar o título da *Folha de S. Paulo* de 18 de junho de 2013), quanto no que concerne à sua *definição positiva* ("muda Brasil", "por um Brasil melhor" etc.).

Ora, reinterpretando semioticamente os dados e a análise de Malini (2013, 2016), parece-me possível afirmar que o que produz este movimento implosivo/explosivo de sentido é a cadeia de interações promovidas *nas e pelas* redes sociais. Isto principalmente no que concerne à explosão propriamente dita, ou seja, à insurgência e a proliferação, nas ruas, nas velhas mídias e na sociedade de modo geral, de novos significados, sejam positivos, sejam negativos. É nelas e através delas que, a partir do dia 13 de junho de 2013, se consolida a ideia de que os protestos não são apenas pelos vinte centavos, mas por *algo* muito maior, cuja essência permanece obscura. Vivencia-se aí, como na explosão lotmaniana, uma equalização das oposições e um achatamento do espaço semântico da política brasileira. Tudo entra em conexão com tudo: o transporte com a saúde, a corrupção com os vinte centavos, a Copa das Confederações e as obras para a Copa do mundo com a PEC 37 e assim por diante, sem que haja, no entanto, um arranjo e um direcionamento específicos. Para traçarmos uma ponte com as pesquisas de Miguel (2002) e Fausto Neto (2012, 2016), poder-se-ia dizer que estamos diante de um caso emblemático de interação e tensionamento entre o campo midiático e o campo político, no qual as lógicas do primeiro estendem-se para o segundo.

Outro dado a ser evidenciado é que esta proliferação de sentido se configura como um fenômeno de ordem sensível. De modo parecido com o que postula Landowski em relação aos fenômenos de alastramento dos hodiernos movimentos populistas, as interações *em* e *na* rede engendram uma corrente que "eletriza" (LANDOWSKI, 2018, p. 14-15) a comunidade de usuários, transitando rizomaticamente de um corpo para o outro. A prova disso é a explosão da hashtag #vemprarua (MALINI, 2016), que se traduz em uma participação numericamente relevante nos protestos de rua de 17 de junho e dos dias seguintes (SINGER, 2018). Protestos, como vimos, cuja cifra reside no contágio, corpo a corpo, entre os manifestantes diante do hino e da bandeira nacional. Em suma, entre redes e ruas não há solução de continuidade:

a carga estésica que percorre tanto a primeira quanto as segundas é a mesma. Neste sentido, retomando e reinterpretando o conceito de campo social proposto por Rodrigues (1999), é possível afirmar que tanto a semiosfera midiática quanto a semiosfera política funcionam como verdadeiros campos energéticos, tensionando-se reciprocamente e tensionando, por sua vez, a totalidade do campo social.

O hiperpresentismo fractal

Emerge, naquele momento, um tempo novo. A eclosão de significações e a ebulição dos afetos dá origem a um presente atemporal amorfo e imprevisível, dominado pela experiência eletrizante do aqui e agora, pelas pulsões do imediatismo e pelo imediatismo das pulsões do corpo social. Naquelas semanas, tudo parece acontecer ao vivo, tudo parece não ter nem início nem fim, ou, vice-versa, tudo parece terminar e recomeçar sem parar (os protestos e, ao mesmo tempo, as narrativas sobre os protestos). Não há espaço para determinações precisas. O que prevalece é a experiência estésico-estética *do momento* e *no momento*, a vivência, em ato, do espetáculo do presente, compartilhado, ao mesmo tempo, nas ruas e nas redes. Tal percepção torna-se ainda mais tangível quando esta temporalidade nebulosa e esteticamente intensa começa a ser promovido pela mídia tradicional, em particular aquela televisiva, cuja programação passa a ser interrompida para mostrar, sem edição, as manifestações.

Tem-se aqui uma correspondência entre a visão *lotmaniana* de "tempo atemporal" (LOTMAN, 1995, 2009), e outras visões da temporalidade oriundas dos estudos comunicacionais, como aquela de Manuel Castells sobre o "tempo intemporal" que caracteriza o paradigma informacional da sociedade em rede. Segundo as palavras do autor, o tempo intemporal:

ocorre quando as características de um dado contexto, ou seja, o paradigma informacional e a sociedade em rede, causam confusão sistêmica na ordem sequencial dos fenômenos sucedidos naquele contexto. Essa confusão pode tomar a forma de compressão da ocorrência dos fenômenos, visando à instantaneidade, ou então de introdução de descontinuidade ale-

tória da sequência. A eliminação da sequência cria tempo não-diferenciado, o que equivale à eternidade (CASTELLS, 2005, p. 556).

É a confusão na ordem sequencial dos fenômenos, típica da sociedade em rede, que, em junho de 2013, produz a compressão do fluxo temporal, introduzindo a descontinuidade aleatória e a instantaneidade no curso histórico da vida política nacional, conforme vimos em Landowski (2014) e Lotman (1995, 2009). No entanto, o que a evolução das jornadas mostra é que essa confusão não é apenas sistêmica e, como parece deixar a entender Castells, de ordem cognitiva. Longe disso, o caos é sensível, corpóreo, intersomático. As redes são redes de afetos e paixões – e isso interfere não apenas na construção do tempo midiático, como também do tempo social (BARBOSA, 2017). Em outros termos, a carga estésica torna-se uma variável fundamental para entendermos as manifestações do presente atemporal na sociedade do século XXI.

E não apenas isso. A reconstrução da trajetória que conduz, em agosto de 2016, ao *impeachment* de Dilma Rousseff aponta para outro aspecto relevante: a temporalidade amorfa, comprimida e instantaneísta não acaba com o dissipar-se das jornadas. O discurso político-mediático pós-junho de 2013 estende, ao longo dos anos sucessivos, o regime temporal surgido naquele mês. De que maneira? Fortalecendo tanto a indeterminação semântica quanto a carga estésica que marcaram as jornadas. Contudo, o alastramento de vagueza e sensibilidades acontece de modo diferente. Enquanto a identidade positiva do novo Brasil continua não sendo precisada, a sua identidade negativa torna-se mais clara: Dilma, Lula e seus aliados, para retomarmos o título de *O Globo* no dia 19 de março de 2015, são apontados como antissujeitos da nação. Neles é canalizada a indignação geral de junho, que se transforma, agora, em paixões mais precisas – raiva, repulsa etc. – contra alguém. Como vimos, o discurso jornalístico da mídia tradicional (*Globo*, *Folha de S. Paulo*, *Estado de S. Paulo*, *Revista Veja*), cumpre, nesse processo, um papel relevante. São a indeterminação semântica e o envolvimento

estésico-passional por ele promovidos que dilatam a explosão de junho de 2013 e projetam para frente a sua temporalidade, extinguindo as distinções entre passado, presente e futuro.

Pode-se dizer, portanto, conforme sugere Lotman (1995; 2009), que o intervalo temporal que se desdobra entre 2013 e 2016 representa um processo explosivo duradouro, marcado por um presente atemporal dilatado, ou, para dizê-lo com Castells (2005, p. 556), por um presente intemporal que, em um determinado nível, constitui um tempo não diferenciado.

Digo em um determinado nível porque, observando mais a fundo a reconstrução acima conduzida, percebe-se que a trajetória que ata as jornadas de junho e o impeachment de Dilma é marcada por uma sucessão serializada de eventos político-midiáticos pontuais e de grande impacto estésico: manifestações, painéis, vazamentos (CARVALHO; BRUCK, 2017), votações na Câmara e no Senado etc., narrados e vividos, nas ruas e na mídia como uma disputa sensível entre torcidas futebolísticas (DEMURU, 2018b). Em outros termos, o discurso político-midiático constrói e articula o tempo da crise política brasileira nos moldes de uma ficção seriada televisiva, na qual tudo acaba e recomeça de modo constante, contribuindo a engrossar as tensões da sociedade e a canalizá-las dentro de seu âmbito específico. Se temos, portanto, em um nível, a percepção de um fluxo temporal contínuo, durativo, atemporal, relativo a um único acontecimento que se delonga entre junho de 2013 e agosto de 2016, em outro nível esse mesmo fluxo aparece como descontínuo, marcado por uma iteratividade perpetua de acontecimentos estésicos em relação entre si, por uma série de microexplosões dentro da macroexplosão geral. Em outras palavras, é como se o presente atemporal-acontecimental produzido pelos tensionamentos recíprocos das semiosferas midiática e política se *fractalizasse*, reiterando-se e reproduzindo-se indefinidamente em escalas diversas. É o que também parece

vislumbrar Fausto Neto (2016) em sua análise sobre a fabricação discursiva do *impeachment* de Rousseff, entendido enquanto fato transformado em uma série de múltiplos acontecimentos segundo "extrações, recortes, hierarquizações, contratos [...] eleitos e observados por diferentes mídias jornalísticas (FAUSTO NETO, 2016, p. 15)". Entretanto, as duas lógicas não se opõem uma à outra. Pelo contrário, elas definem duas camadas distintas de um mesmo regime temporal: um regime que, parafraseando o historiador francês François Hartog (2015, p. XV), proponho de chamar *hiperpresentismo fractal*.

Fechamentos e aberturas

Na reedição norte-americana de *Regimes d'historicité*, à luz da crise econômica mundial engendrada pelo colapso da empresa Lehman Brothers em 2008, Hartog (2015) redefine o presentismo como "a sensação de que apenas o presente existe, um presente caracterizado, ao mesmo tempo, pela tirania do instante e pela esteira de um presente sem fim" (HARTOG, 2015, p. XV, tradução nossa).¹⁶ Neste regime de historicidade, típico de nossa época, as distinções entre presente, passado e futuro esvaecem, favorecendo a emergência de "um tempo desorientado, marcado por um certo grau de incerteza" (HARTOG, 2015, p. 196, tradução nossa).¹⁷

Como vimos, os acidentes (LANDOWSKI, 2014) e as explosões (LOTMAN, 1995; 2009) que quebram o curso regular da história instauram uma temporalidade próxima àquela descrita por Hartog, um presente atemporal imprevisível e potencialmente duradouro. A análise da temporalidade da explosão que levou das jornadas de junho de 2013 ao *impeachment* de Dilma Rousseff aponta para uma intensificação deste processo: vivencia-se, ali, uma exasperação paroxística da temporalidade presentista, um verdadeiro regime *hiperpresentista*. Seus traços distintivos são a *instantaneização*, a *dilatação*, a *aceleração* e a *fractalização* do presente histórico-social.

¹⁶ Do original: The sense that only the present exists, a present characterized at once by the tyranny of the instant and by the treadmill of an unending now.

¹⁷ Do original: There emerged a disoriented time, marked by greater uncertainty.

De modo parecido a quanto aponta Barbosa em sua reflexão sobre as correlações entre tempo histórico e midiático, a insurgência e a sedimentação, entre 2013 e 2016, do hiperpresentismo deve-se ao fato de que,

na confluência dos meios digitais o tempo perde sua espessura para se transformar em tempo de fluxo. Constrói-se um presente estendido, no qual eventos se atualizam sem cessar e numa velocidade que ultrapassa os limites passíveis de medição (BARBOSA, 2017, p. 19).

Ou seja, sobredeterminando aquelas das semiosferas da mídia tradicional e da política, as semiosferas das mídias e das redes sociais digitais instituem um paradigma temporal hegemônico.

Entretanto, é preciso destrinchar mais a fundo e dizer não apenas *o que* é o hiperpresentismo, mas *como ele se dá*, isto é, quais são as suas condições de possibilidade. Neste sentido, a perspectiva sociosemiótica aqui adotada e, em particular, a releitura dos conceitos de *acidente* de Landowski e de *explosão* de Lotman revela-se teórica e metodologicamente proveitosa. Em particular, ela nos mostra que o hiperpresentismo político-midiático engendrado pelos acidentes e pelas explosões de sentido que os acompanham – conforme a segunda acepção do conceito lotmaniano antes evidenciada – é ao mesmo tempo a causa e o efeito de:

a) uma articulação profunda entre descontinuidade e continuidade. Se, por um lado, ao olhar a explosão do futuro para o passado pode-se distinguir uma série de recorrências que a definem como um único processo contínuo, pelo outro ela aparece formada por uma cadeia de eventos pontuais que se entrelaçam reciprocamente, compondo, assim seu sentido global: Em outros termos, a continuidade do hiperpresentismo é *descontínua, iterativa, fractal*;

b) um alto grau de indeterminação semântica, através da qual se consolida tanto a imprevisibilidade quanto a necessidade de resolvê-la, seja apenas negativamente;

c) um alto grau de carga estésica, ou seja, de energias que favorecem o alastramento – via ruas, redes, mídia em geral – de afetos e paixões no corpo social.

Talvez – em alguma instância – o tempo da mídia e da política na sociedade em rede do século XXI seja isso: a indeterminação e a emoção do tempo.

Referências

ALENCASTRO, Catarina. Dilma é vaiada na abertura da Copa das Confederações. **O Globo**, Rio de Janeiro, 15 jun. de 2013. Disponível em: <http://oglobo.globo.com/brasil/dilma-vaiada-na-abertura-da-copa-das-confederacoes-8701173>. Acesso em: 27 set. 2018.

BARBOSA, Marialva Carlos. Tempo, tempo histórico e tempo midiático. In: MUSSE, Christina Ferraz; VARGAS, Herom; Nicolau, Marcos (org.). **Comunicação, Mídias e Temporalidades**. Salvador: EDUFBA, 2017, p. 19-36.

BBC Brasil. BRASIL vive noite de protestos. **BBC Brasil** *on-line*, [s. l.], 17 jun. 2013. Disponível em: http://www.bbc.com/portuguese/noticias/130617_protestos_live.shtml. Acesso em: 12 dez. 2017.

BRAGA, José Luiz. Circuitos *versus* campos sociais. In: MATTOS, Maria Ângela; JANOTTI, Jelder Junior; JACKS, Nilda (org.). **Mediação e mediatização**. Salvador: EDUFBA, 2012. p. 297-322.

BUCCI, Eugênio. **Forma bruta dos protestos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

BUTLER, Judith. **Notes toward a Performative Theory of Assembly**. Cambridge, MA: Harvard University Press, 2015. <https://doi.org/10.4159/9780674495548>.

CARVALHO, Carlos A.; BRUCK, Mohazir S. Vazamentos como acontecimento jornalístico: notas sobre performatividade mediática de atores sociais. **Revista Famecos**, Porto Alegre, v. 25, n. 3, p. 1-20, set. 2018. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.15448/1980-3729.2018.3.29713>. Acesso em: 15 mar. 2019. <https://doi.org/10.15448/1980-3729.2018.3.29713>.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. Tradução de Roneide Venâncio Majer. São Paulo: Paz e Terra, 2005.

DAL LAGO, Alessandro. **Populismo digitale**. La crisi, la rete e la nuova destra. Milano: Raffaello Cortina Editore, 2017.

DEMURU, Paolo. Simboli nazionali, regimi di interazione e populismo mediático: prospettive sociosemiotiche. **Estudos Semióticos**, São Paulo, v. 15, n. 1, 2. sem. 2019. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/esse/article/view/154823>. Acesso em: 28 ago. 2019. <https://doi.org/10.11606/issn1980-4016.esse.2019.154823>.

DEMURU, Paolo. Práticas de vida. Entre Semiótica, Comunicação e Política. **Estudos Semióticos**, São Paulo, v. 13, n. 1, set. 2018a. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/esse/article/view/154823>. Acesso em: 28 ago. 2019. <https://doi.org/10.11606/issn.1980-4016.esse.2017.138409>.

DEMURU, Paolo. Entre vagueza e futebol. Esboço para uma semiótica da comunicação política no Brasil. In: OLIVEIRA, Ana Claudia de (org.). **Semiótica do Social**. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2018b. v. 1, p. 725-738.

DILMA é hostilizada durante abertura de Copa do Mundo em São Paulo. **Portal UOL**, 12 jun. 2014. Disponível em: <http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2014/06/dilma-e-hostilizada-durante-abertura-da-copa-do-mundo-em-sao-paulo.html>. Acesso em: 24 fev. 2018.

FAUSTO NETO, Antonio. Fragmentos de uma analítica da mediatização. **Matrizes**, São Paulo, n. 2, p. 89-105, abr. 2008. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/matrizes/article/viewFile/38194/40938>. Acesso em: 13 mar. 2019. <https://doi.org/10.11606/issn.1982-8160.v1i2p89-105>.

FAUSTO NETO, Antonio. Mediatização da enfermidade de Lula: sentidos e circulação em torno de um corpo signifiante. In: MATTOS, Maria Ângela; JANOTTI, Jeder Junior; JACKS, Nilda (org.). **Mediação e mediatização**. Salvador: EDUFBA, 2012. p. 297-322.

FAUSTO NETO, Antonio. Impeachment segundo as lógicas de "fabricação" do acontecimento. **Rizoma**, Santa Cruz do Sul, v. 4, n. 2, p. 8-36, dez. 2016. Disponível em: <http://online.unisc.br/seer/index.php/rizoma/article/view/8602>. Acesso em: 15 mar. 2019. <https://doi.org/10.17058/rzm.v4i2.8602>.

FECHINE, Yvana. **Televisão e presença**. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2008.

FOUCAULT, Michel. **L'archeologie du savoir**. Paris: Gallimard, 1969.

GLOBO INTERROMPE transmissão de novelas e "JN" não tem edição para acompanhar protestos. **Portal UOL**. Disponível em: <https://televisao.uol.com.br/noticias/redacao/2013/06/20/globo-interrompe-transmissao-de-novelas-e-jn-nao-tera-edicao-para-acompanhar-protestos.htm>. Acesso em: 20 jun. 2013.

GREIMAS, Algirdas J. **Da imperfeição**. Tradução de Ana Claudia de Oliveira. São Paulo: Hacker Editores, 2002

GREIMAS, Algirdas J.; COURTÉS, Joseph. **Dicionário de Semiótica**. Tradução de Alceu Dias Lima et al. São Paulo: Contexto, 2008.

HARTOG, François. **Regime of Historicity**. Presence and experience of time. Tradução de Saskia Brown. New York: Columbia University Press, 2015.

LANDOWSKI, Eric. La politique-spectacle revisitée: manipuler par contagion. **Versus**, Milão, n. 107-108, p.13-28, maio/dez., 2008.

LANDOWSKI, Eric. **Interações Arriscadas**. Tradução de Luisa Helena Oliveira da Silva. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2014.

LANDOWSKI, Eric. Populisme et esthesie. Presentation. **Actes sémiotique**. Limoges, n. 12, p. 1-19, jan. 2018. Disponível em: <http://epublications.unilim.fr/revues/as/6021>. Acesso em: 27 set. 2018

LOTMAN, Jurij M. **La semiosfera**. Tradução de Simonotta Salvestroni. Venezia: Marsilio, 1985.

LOTMAN, Jurij M. **Cercare la strada**. Tradução de Nicoletta Marcialis. Modelli della cultura. Venezia: Marsilio, 1995.

LOTMAN, Jurij M. **Tesi per una semiótica delle culture**. Roma: Meltemi, 2006

LOTMAN, Jurij M. **Culture and Explosion**. Tradução de Wilma Clark. Berlin-New York: Mouton, De Gruyter, 2009.

MALINI, Fabio. A Batalha do Vinagre: por que o #protestoSP não teve uma, mas muitas hashtags. **Labic lon-line**, [s. l.], 14 ju. 2013. Disponível em: <http://www.labic.net/cartografia-das-controversias/a-batalha-do-vinagre-por-que-o-protestosp-nao-teve-uma-mas-muitas-hashtags/>. Acesso em: 26 set. 2018.

MALINI, Fabio. Um método perspectivista de análise de redes sociais: cartografando topologias e temporalidade em rede. In: XXV ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS, 25., Goiânia. **Anais...** Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 2016.

MIGUEL, Luis Felipe. Os meios de comunicação e a prática política. **Lua Nova**, São Paulo, n. 55-56, p. 155-184, 2002. <https://doi.org/10.1590/S0102-64452002000100007>.

NOBRE, Marcos. **Choque de democracia**: razões da revolta. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

JABOR, Arnaldo. Amigos, eu errei. É muito mais do que 20 centavos. **CBN lon-line**, [s. l.], 17 jun. 2013. Seção comentaristas. Disponível em: <http://cbn.globoradio.globo.com/default.htm?url=/comentaristas/arnaldo-jabor/2013/06/17/AMIGOS-EU-ERREI-E-MUITO-MAIS-DO-QUE-20-CENTAVOS.htm>. Acesso em: 19 dez. 2017.

PRADO, Aidar. Crítica de mídia em perspectiva aberta. **Rumores**, São Paulo, v. 25, n. 23, p. 32-55, jun. 2018. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/Rumores/article/view/143405>. Acesso em: 15 mar. 2019. <https://doi.org/10.11606/issn.1982-677X.rum.2018.143405>.

RODRIGUES, Adriano Duarte. Experiência, modernidade e campo dos media. 1999. Disponível em:

www.bocc.ubi.pt/pag/rodrigues-adriano-expcamp-media.pdf. Acesso em: 14 mar. 2019.

ROVELLI, Carlo. **L'ordine del tempo**. Milano: Adelphi, 2017

SCHWARZ, Roberto. Sobre Cidades rebeldes. In: ROLNIK, Raquel et al. **Cidades rebeldes**: passe livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil. São Paulo: Boitempo, 2013.

SEDDA, Franciscu. **Imperfette traduzioni**. Roma: Nuova Cultura, 2012.

SEDDA, Franciscu.; DEMURU, Paolo. Da cosa si riconosce il populismo. **Actes Sémiotique**. Limoges, n. 121, 2018. Disponível em: <https://www.unilim.fr/actes-semiotiques/5963>. Acesso em: 20 abr. 2019.

SEU JORGE CANTA música sobre manifestações no Brasil. **Portal G1**. [s. l.], 26 jun. 2013. Disponível em: <http://g1.globo.com/musica/noticia/2013/06/seu-jorge-canta-musica-sobre-manifestacoes-no-brasil.html>. Acesso em: 24 fev. 2018.

SINGER, André. **O lulismo em crise**: um quebra cabeça do período Dilma (2011-2016). São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

SOUZA, Jessé. **A radiografia do golpe**. São Paulo: Leya, 2016.

Paolo Demuru

Doutor em Semiótica pela Universidade de Bologna, Bologna, Itália, e doutor em Semiótica e Linguística Geral pela Universidade de São Paulo (USP), em São Paulo, SP, Brasil; professor do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Paulista (Unip), em São Paulo, SP, Brasil.

Endereço para correspondência

Paolo Demuru

Universidade Paulista

Programa de Pós-Graduação em Comunicação

Rua Dr. Bacelar, 1212

Vila Clementino, 04026002

São Paulo, SP, Brasil